


ESTÁGIO DOCÊNCIA: PRÁTICAS FORMATIVAS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

TEACHING INTERNSHIP: TRAINING PRACTICES IN INITIAL TEACHER TRAINING

PRÁCTICAS DOCENTES: PRÁCTICAS FORMATIVAS EN LA FORMACIÓN INICIAL DEL PROFESORADO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-177>

Data de submissão: 16/08/2025

Data de publicação: 16/09/2025

Ana Paula Melo Fonseca

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, PPGE
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Evandro Ghedin

Pós-doutorado em Didática
Instituição: Faculdade de Educação da USP

RESUMO

Este estudo é fruto da experiência vivenciada no Estágio docência de doutorado, realizado na Universidade Federal do Amazonas-UFAM, no curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação-FACED, vinculado ao programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE. O objetivo do estágio em docência foi desenvolver habilidades em processo didático-pedagógico na realização de experiência significativa tendo em vista a mudança conceitual a partir da aprendizagem dos processos de ensino na Universidade.

Palavras-chave: Formação de Professores. Estágio Supervisionado. Práticas Formativas.

ABSTRACT

This study is the result of the experience gained during the doctoral teaching internship at the Federal University of Amazonas (UFAM), part of the Pedagogy Degree program at the School of Education (FACED), linked to the Graduate Program in Education (PPGE). The objective of the teaching internship was to develop skills in the didactic-pedagogical process by conducting a significant experiment aimed at conceptual change based on learning about teaching processes at the university.

Keywords: Teacher Training. Supervised Internship. Training Practices.

RESUMEN

Este estudio es el resultado de la experiencia adquirida durante la pasantía docente de doctorado en la Universidad Federal de Amazonas (UFAM), parte del programa de Licenciatura en Pedagogía de la Facultad de Educación (FACED), vinculado al Programa de Posgrado en Educación (PPGE). El objetivo de la pasantía docente fue desarrollar habilidades en el proceso didáctico-pedagógico mediante la realización de una experiencia significativa orientada al cambio conceptual basado en el aprendizaje sobre los procesos de enseñanza en la universidad.

Palabras clave: Formación Docente. Pasantía Supervisada. Prácticas Formativas.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto da experiência vivenciada no Estágio docência de doutorado, realizado na Universidade Federal do Amazonas-UFAM, no curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação-FACED, vinculado ao programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE. O objetivo do estágio em docência foi desenvolver habilidades em processo didático-pedagógico na realização de experiência significativa tendo em vista a mudança conceitual a partir da aprendizagem dos processos de ensino na Universidade.

Nesse sentido, o estágio supervisionado foi realizado com uma turma de licenciatura em Pedagogia na disciplina Filosofia e Educação I- ano 2023/2 - Semestre letivo: 2022/2. O estágio docência tem suas especificidades descritas na normas institucionais científicas das universidades, é regulamentado por normas internas de cada instituição de ensino superior, de forma geral, pela Lei do Estágio (Lei nº 11.788/2008) e por portarias da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Faz parte de um construto coletivo, aprendizagem baseada na reflexão da prática.

A Pesquisa em torno do trabalho docente teve a abordagem de cunho qualitativa, pois o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa, o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado (Chizzotti, 2006). Neste efeito, a pesquisa participante foi nosso alicerce para vivenciar a didática. Devido à abordagem, nos aproximamos dos conhecimentos teóricos adquiridos na universidade, interligando os saberes a reflexão da prática. Ademais, segundo o nosso propósito específico, utilizamos como técnicas de procedimentos a observação participante, nessa condição, realizamos a pesquisa com observação e participação ativa em todos os momentos presentes dos estágios.

1.1 OLHARES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NO ESTÁGIO DOCENTE

Consideramos que “a pesquisa é componente essencial das práticas de estágio, apontando novas possibilidades de ensinar e aprender a profissão docente” (Pimenta, 2004, p.114). Desta forma, a pesquisa e a investigação dentro do estágio têm o papel de alicerce para as futuras metodologias a serem empregadas no trabalho docente. Neste feito é que a educação se constrói no desenvolvimento da práxis, com a proximidade da pesquisa no ensino, pois concordamos que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (Freire, 2011, p.30), visto que, o estágio configura-se como uma investigação no qual contribui para a qualificação docente.

A prática do professor não pode ficar somente na posse da informação, é necessário refletir sobre sua prática, enquanto um profissional que age diretamente na transformação da informação, e isso não acontece sem a pesquisa inserida no ensino. Sobre isso Ghedin (2011) ressalta que:

A informação é o primeiro estágio do conhecimento, que exige mais dois momentos distintos e complementares. Conhecer implica um segundo estágio: o de trabalhar com as informações, classificando-as, analisando-as e contextualizando-as. Além desse há o terceiro estágio que tem a ver com a inteligência, a consciência ou a sabedoria. Neste sentido, não basta produzir conhecimento, mas é preciso produzir as condições de produção do conhecimento (Ghedin, 2011, p.116).

Nas palavras de Evandro Ghedin, o primeiro estágio não pode ficar sem o segundo e o terceiro, ambos são complementares e necessitam fazer parte da prática do professor, a fim de garantir um ensino investigativo, na medida que permite a transformação da informação em conhecimento. As atividades didáticas realizadas nos dois semestres de estágio, contemplaram a pesquisa no ensino como estratégia metodológica. Houve aulas em espaços não-formais da cidade de Manaus/AM, como: Museu da Amazônia (MUSA) e no Mercado Adolpho Lisboa.

Figura 01: aula no Musa



Fonte: Autores, 2023

Durante as atividades foi possível ouvir dos estudantes falas sobre ciência e pedagogia. No borboletário uma estudante falou: “imagina trazer as crianças para esse lugar? Se para mim é surpreendente, imagina para uma criança?” eu ia usar aquele texto borboletas de todas as cores antes de visitar”. Percebi na estudante uma prospecção de futuro enquanto professora em formação. Após a fala da estudante lembrei-me da época em que cursava o mestrado e íamos com as crianças ao bosque

da ciência. O que vi nas crianças naquela época, também vi nos estudantes de pedagogia durante a realização da visita ao museu, a curiosidade!

As atividades iniciavam e finalizam em sala de aula, antes das ações realizamos o planejamento coletivo com a turma, após as ações, a autoavaliação de nossa prática. Nesse aspecto Franco (2008) acrescenta que:

Deverá, por certo, ser preocupação do curso de pedagogia a formação de um pedagogo como profissional crítico e reflexivo, que saiba mediar as diversas relações inerentes à prática educativa e as relações sociais mais amplas, bem como articular as práticas educativas com a formalização de teorias críticas sobre essas práticas, sabendo detectar as lógicas que estão subjacentes às teorias aí implícitas (Franco, 2008, p.110).

Nessa perspectiva, sabendo da grande relevância que o estágio possibilita para docentes e discentes, percebemos durante o estágio que os acadêmicos se dedicaram ao exercício de pesquisar, encontraram subsídios necessários para contribuir com a sua formação, pois compreendemos que o estágio é elemento primordial das práticas de pesquisa, visto que marca novas possibilidades de ensinar e aprender a profissão docente.

Pimenta (1995, p.24) salienta que “a atividade teórico-prática de ensinar constitui o núcleo do trabalho docente”. Nesse pensar, inferimos que diversas foram as habilidades evidenciadas nas aulas desenvolvidas no estágio, entre elas: comunicação, postura, capacidade de síntese e planejamento, contribuindo para a autonomia dos estudantes, aprendemos novos conceitos teóricos, debruçados sobre a postura ética e competente do professor da disciplina.

A proposta da disciplina se desenvolveu centrada em um processo de ensino com pesquisa, o que oportunizou uma nova forma de vivência no fazer docente. segundo o plano de ensino do professor que em sua descrição metodologia dos procedimentos de ensino e aprendizagem ressalta a seguinte questão:

“Compreendendo que o ensino não se desvincula da aprendizagem, usaremos um processo de construção do conhecimento que pode ser apenas anunciado antes que ele se desencadeie. Firma-se como uma intencionalidade do caminho a ser percorrido, mas somente a trajetória poderá demonstrá-lo mais plenamente. Nessa direção, fundamentalmente propõem-se o uso do ensino com pesquisa como processo didático geral” (Ghedin, 2023).

Nesse sentido didático, concordamos que “fazer aulas” visa superar os tradicionais modelos e métodos de ensino sustentados no Ratio Studiorum¹, as aulas expositivas e palestras, com o qual o

¹ Modelo de ensino provocado e praticado pelos jesuítas nos primeiros anos após o descobrimento do Brasil, que consistia em expor conteúdos e avaliar a capacidade de memorização destes (ANASTASIOU; ALVES, 2005).

ensino superior se adaptou. Assim, diferente dessa metodologia, como já afirmava Freire (2011), não sustenta o real papel do ensino e do professor. Estes, devem produzir algum tipo de processo crítico à realidade e desvelar as suas camadas de sentidos, gerando novos e significativos conhecimentos.

O ensino com pesquisa pode ser encontrado na literatura científica como ensino por investigação, e dentre outras denominações estão também Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) sendo um método que tem como finalidade a aprendizagem através de situações-problema ou investigações que desenvolvam habilidades cognitivas relevantes a todas as áreas de conhecimento, focando o ensino no estudante através da problematização.

As primeiras ideias sobre essas metodologias surgiram a partir do psicólogo Jerome Saymor Bruner e do filósofo John Dewey (Costa, 2011), mas ainda não tinham as denominações de hoje. Na década de 60, a McMaster University no Canadá e a Universidade de Maastrich na Holanda começaram a implantar o método da Aprendizagem Baseada em Problemas nos cursos da área da saúde (Costa, 2011; Vogt, 2010), e dali o método foi, aos poucos, se espalhando, sendo atualmente utilizado no Brasil em diversas áreas do conhecimento. Vogt (2010) define a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) da seguinte forma:

A ABP procura conciliar no processo de ensino e aprendizagem a relação prática-teoria-prática, de modo que, partindo dos problemas que pertencem ao universo social do conhecimento dos estudantes e de sua vivência, busca, através da agregação de informações e de formulações críticas e teóricas, soluções que possam contribuir não apenas para a compreensão e o entendimento do problema, mas também para a sua solução, enfatizando a relevância das questões envolvidas para a vida social dos estudantes e das comunidades em que eles se inserem.

A aprendizagem nesse sentido se constrói na relação com a prática e a pesquisa que visa buscar soluções para alguma problemática encontrada em dada realidade, e por meio dela e seus instrumentos o pesquisador adentra nas dificuldades e tenta desvendá-las. Almejando novas possibilidades para a ciência se desenvolver. Foi desta forma que novos paradigmas foram construídos e a partir deles outros são produzidos (KUHN, 2005).

Nesse pensar, no campo da educação isso não é diferente, toda prática de ensino está fundamentada em algum paradigma. E só foi possível, pois a humanidade não ficou estagnada diante da realidade, buscou meio de entendê-la e modificá-la através da pesquisa. Pois como nos coloca Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...]. Ensino porque busco, porque indaguei e indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (1996, p.14).

Apesar dos benefícios do ato de pesquisar, muitas vezes ainda não é prática no processo de ensino dos diversos níveis do campo educacional. Sendo um paradigma que poucas instituições têm como prática no seu cotidiano. Para Demo (2002, p. 11) a “pesquisa é ainda um fetiche acadêmico, sendo vista por muitos como uma atividade cercada por formalidades e sofisticações metodológicas, teóricas e práticas, exigindo tempo, infraestrutura e formação específica”. A universidade nesse sentido precisa redescobrir ou criar novas formas de disseminação da pesquisa, para que a pesquisa passe a ser vista como uma efetiva estratégia de ensino, eficaz para o desenvolvimento da aprendizagem.

Sabemos que a pesquisa é de suma importância para o ensino e a sala de aula é um espaço de promoção da pesquisa no ensino. Sobre isso Galiuzzi (2014) nos aponta:

[...] o processo de pesquisa em sala de aula pode acontecer em todo e qualquer nível de ensino. Para tanto, há que se pensar em pesquisa em um sentido diferente do costumeiramente atribuído ao termo. O ser humano é um ser vivo que aprende pela investigação, na procura de soluções para os problemas, na curiosidade, pela ausência de algo (Galiuzzi, 2014, p. 2).

A perspectiva da autora nos coloca na condição de entendimento que a pesquisa não é de exclusividade da universidade, ela perpassa pelo ensino desde os primeiros anos escolares. A pesquisa está presente em nossas vidas desde os primeiros anos de vida. O sentimento de conhecer na infância desenvolve a curiosidade, de criar e recriar coisas que nos cercam, começando assim o processo de um ser humano pensante, que procura caminhos e soluções para situações-problemas da vida cotidiana.

Diante disso, as visitas nos diferentes espaços tiveram como objetivo ilustrar e aprofundar o conhecimento conceitual trabalhado em sala de aula com os estudantes de Pedagogia. Foi possível perceber com o processo didático, como é importante vivenciar a pesquisa na formação inicial de professores. No entanto, devemos considerar que um processo didático de ensino com pesquisa só pode ser realizado plenamente quando o docente também fez uma experiência centrada no processo de investigação, pois em relação à docência não é possível que o docente tenha uma prática investigativa se sua formação não priorizou a investigação partindo da análise, da reflexão, da crítica e de novas maneiras de se fazer e ser educação. Carvalho e Sasseron (2012) defendem que:

Todas as atividades planejadas deveriam ter caráter investigativo, isto é, deveriam ser problematizadas para os alunos, deveria se dar em um ambiente de engajamento intelectual dos estudantes, no qual por meio da argumentação, os conceitos, as atitudes e os processos científicos tivessem a oportunidade de serem construídos (Carvalho e Sasseron, 2012, p.159)

As visitas nos diferentes espaços tiveram como objetivo ilustrar e aprofundar o conhecimento conceitual trabalhado em sala de aula com os estudantes de Pedagogia. Foi possível perceber com o processo didático, como é importante vivenciar a pesquisa na formação inicial de professores. No entanto, devemos considerar que um processo didático de ensino com pesquisa só pode ser realizado plenamente quando o docente também fez uma experiência centrada no processo de investigação, pois em relação à docência não é possível que o docente tenha uma prática investigativa se sua formação não priorizou a investigação partindo da análise, da reflexão, da crítica e de novas maneiras de se fazer educação. Para Vygotsky (2007) a aprendizagem acontece na relação com o outro e nesta troca entre o professor e o aluno o conhecimento vai se construindo.

Podemos exemplificar a aula no estágio sobre as tendências pedagógicas conservadora e progressista, foi discutido com a turma o processo de resgate histórico para a construção de uma teoria crítica. Os estudantes demonstraram interesse pelo tema da aula, especificando exemplos de suas trajetórias acadêmicas. Especificaram seus posicionamentos em relação ao sistema educativo atual e traçaram um percurso descritivo sobre a vida acadêmica, como foi o processo pedagógico da educação infantil até a universidade.

Foi um momento de escuta e fala muito importante para todos. Uma aula de aprendizado mútuo, revisitamos nossas memórias de vida. Alguns estudantes explicitaram os momentos de aprendizagem da escrita do nome, de como a professora do ensino fundamental era rígida, mas ao mesmo tempo alegre e sorridente. Trazer essas emoções para a aula nos fizeram (estudantes, estagiárias e professor) nos aproximamos de nossa intimidade, nada mais íntimo do que (re)conhecer nossas memórias afetivas, emotivas e sentimentais.

2 CONSIDERAÇÕES

Consideramos o estágio supervisionado na pós-graduação como o momento de compartilhamento de experiências significativas na formação docente. Os acadêmicos da disciplina Filosofia e educação I foram participativos, sendo possível obter diálogo nas aulas, o encadeamento das ideias dos estudantes, estagiária e professor formaram debates ricos em vivências pessoal, acadêmica e profissional. Atreladas nas leituras teóricas que ao longo do estágio foram discutidas e compreendidas.

A experiência de estágio na docência, demonstrou que ensinar por meio do ensino com pesquisa é uma ótima metodologia para promoção de aprendizagens, pois a motivação e interesse dos alunos estiveram presentes ao longo das aulas do estágio docência, possibilitando um ensino prazeroso e eficaz.

No estágio docência experienciado foi possível identificar formas de trabalho docente em sala de aula, como o ensino com pesquisa. Uma importante estratégia metodológica, pois entendemos que o ensino tradicional exclusivo não é mais suficiente para as demandas de ensino acadêmico. Em termos gerais, a pesquisa com ensino investigativo dentro do estágio teve o papel de alicerce para o aprendizado, estimulou os estudantes, estagiária e professor a pensar, questionar e discutir diversificados conceitos em sala de aula.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. M. P.; SASSERON, L. H. Sequências de ensino investigativas – Seis: o que os alunos aprendem? In: Tauchen, G.; Silva, J. A. **Da educação em ciências: epistemologias, princípios e ações educativas**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.

COSTA, V. C. I. Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL). **Revista Távola Online**. Ed.03, 2011. Disponível em: <<http://nucleotavola.com.br/revista/aprendizagem-baseada-em-problemas-pbl>> Acesso em: 03/11/2024.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8 ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 9. ed. São Paulo: Cortez editora, 2002

FRANCO, G.O estágio supervisionado para profissionais do magistério e suas influências na prática docente. **Dissertação Mestrado**. Universidade Estadual do Vale do Acaraú e Universidade Internacional de Lisboa. 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GALIAZZI, M. do C. (2012). A pauta do professor na sala de aula com pesquisa. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, 14.

Disponível: <https://doi.org/10.14295/remea.v14i0.2882>. Acesso em: 03 ago. 2025.

GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2012.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: Unidade entre teoria e prática?** INEP/Relatos de pesquisa- Série documental; nº25, maio/1995, p.16-25.

PIMENTA, S. G (org.). **O estágio e a docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

VOGT, C. Ensino e aprendizagem: problemas como solução. **Com Ciência- Revista eletrônica de Jornalismo Científico**, v. 115, 2010. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/>> Acesso em: 30/11/2024.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 2. ed. São Paulo: Martins editora, 2007.